

CONCLUSÃO

As crônicas, prefácios e entrevistas utilizadas na composição do presente trabalho apresentam algumas das reflexões críticas de Augusto Abelaira acerca dos romances que escreveu, discutindo um pouco as pretensões do autor ao elaborar suas obras e revelando alguns de seus entendimentos sobre o papel da literatura enquanto arte de combate. São recuperados nesses escritos alguns dos anseios e pretensões do autor sobre os romances que almejava escrever, ou mesmo sobre a relação entre o que pretendeu atingir com um livro e o que considerou ter realizado após a obra terminada. Além das opiniões sobre as suas próprias obras ficcionais são apresentadas algumas referências em entrevistas ou críticas literárias com uma maior preocupação com o embasamento teórico, nas crônicas e prefácios de alguns outros livros que foi lendo e considerou pertencerem ao que se convencionou chamar de *Novo Romance Português*. Livros que utilizavam ou estavam na busca de, na opinião de Abelaira, novas formas de expressar as relações dos homens com a realidade que os envolvia, sendo muitos deles escritos por amigos próximos e/ou frequentadores dos mesmos grupos literários.

Ao mesmo tempo em que existe uma particularização do caso português no pensamento de Augusto Abelaira, que em todos os escritos anteriores ao 25 de Abril expressou uma clara repudia ao governo ditatorial e durante toda sua vida uma atitude de combate a essa forma de organização do poder, suas ideias dialogavam com outros teóricos, tanto no que diz respeito as concepções sobre teorias do romance, quanto no que concerne o papel do intelectual enquanto força política dentro da sociedade civil. Assim, as crônicas e prefácios escritos por Augusto Abelaira são postas em paralelo com as concepções desses autores para iluminar as particularidades do caso português e do pensamento literário de Augusto Abelaira em relação a outras ideias circulantes em países europeus.

Esses textos nunca pretenderam constituir uma teoria do romance escrita por Augusto Abelaira, mas são acima de tudo, um posicionamento ativo a favor da escrita enquanto forma de intervenção político-intelectual. Uma escrita que se faz a partir da capacidade de comunicação com o público leitor, e que tem o seu sentido nas diferentes possibilidades de entendimento que se estabelecem na

confluência do leitor, do escritor e do crítico literário. Os exemplos utilizados de teatro, prefácios, crônicas e entrevistas servem para focalizar uma parcela menos conhecida do trabalho de Augusto Abelaira enquanto projeto de atuação intelectual. Servem para mostrar, que apesar de não ser conhecido como autor que terá alcançado grande notabilidade em termos de circulação e venda de livros, tampouco, conhecido pela recepção de grandes públicos leitores de romances, Abelaira aproveitava os diferentes espaços possibilitados pelos veículos culturais para difundir ideias que estão muito além dos princípios de estruturação de um romance. Assim, o escritor encena ideias que questionam as formas de construção dos discursos oficiais, exercendo, assim, a função de intelectual num momento político específico onde muitos artistas e escritores exerciam a função de intelectual por toda a Europa, assumindo posições claramente políticas. Este fato adquire relevância no momento em que o caso português se configurava como um caso particular na Europa, pelo fato de o sistema político português ser ainda uma ditadura comandada por Salazar, enquanto os outros países da Europa ocidental, anteriormente dominados por regimes fascistas, retornavam progressivamente a formas de organização democrática das sociedades civis.